

## **FUTEBOL, FERROVIA E PATERNALISMO: a relação Rio Claro Futebol Clube e Companhia Paulista de Estradas de Ferro, 1909-1931**

Renan Vidal Mina<sup>2</sup>

Marco Antonio Bettine de Almeida<sup>3</sup>

São Paulo, SP, Brasil

**RESUMO:** Este artigo analisa três pontos principais: i) o desenvolvimento do futebol operário em Rio Claro mediante a criação do Rio Claro Futebol Clube; ii) a influência do paternalismo da Companhia Paulista de Estradas de Ferro sobre a agremiação futebolística frequentada pelos trabalhadores ferroviários; iii) e os fatores que levaram ao declínio deste influxo. A adesão dos ferroviários ao futebol, além de possibilitar o distanciamento momentâneo da extenuante rotina de trabalho, contribuía para o fortalecimento dos laços do grupo. A direção da Paulista, disposta a vigiar as ações de seus funcionários fora do universo fabril, empenhou-se em intervir nos rumos do Rio Claro F. C.. Contudo, esse processo veio acompanhado de tensões, especialmente com os comerciantes e filhos de imigrantes italianos que passaram a adquirir maior relevância no cotidiano da agremiação.

**Palavras-chave:** Futebol. Rio Claro Futebol Clube. Ferrovia. Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Paternalismo.

### **FOOTBALL, RAILWAY AND PATERNALISM: the relation Rio Claro Futebol Clube and Companhia Paulista de Estradas de Ferro, 1909-1931**

**ABSTRACT:** This article analyzes three main points: i) the development of workers' soccer in Rio Claro through the creation of the Rio Claro Football Club; ii) the influence of the paternalism of the Companhia Paulista de Estradas de Ferro (Railway Company of São Paulo) on the freementation of the railway workers; iii) and the factors that led to the decline of this influx. The adhesion of the railroad to football, in addition to allowing the momentary distancing of the strenuous work routine, contributed to the strengthening of the group's ties. Paulista's

---

<sup>1</sup> Este artigo é fruto do trabalho desenvolvido na Dissertação de Mestrado de Renan Vidal Mina, cujo título é “A bola e os trilhos: a incorporação do futebol em Rio Claro e o desenvolvimento do Rio Claro Futebol Clube”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política da Universidade de São Paulo, contando com apoio da CAPES.

<sup>2</sup> Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política da Universidade de São Paulo. Email: renan.mina@gmail.com

<sup>3</sup> Doutor em Sociologia do Lazer pela Unicamp. Pós-Doutor em Sociologia do Esporte pela Universidade do Porto. Professor Associado da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Email: marcobettine@gmail.com

management, willing to oversee the actions of its employees outside the factory universe, made an effort to intervene in the direction of Rio Claro FC. However, this process was accompanied by tensions, especially with immigrants and children of Italians who came to acquire greater relevance in the daily life of the association.

**Keywords:** Soccer. Rio Claro Football Club. Railroad. Railways Companhia Paulista Paternalism.

## **FÚTBOL, FERROVIA Y PATERNALISMO: la relación Rio Claro Fútbol Club y Compañía Paulista de Ferrocarriles, 1909-1931**

**RESUMEN:** Este artículo analiza tres puntos principales: i) el desarrollo del fútbol obrero en Rio Claro mediante la creación del Río Claro Fútbol Club; ii) la influencia del paternalismo de la Compañía Paulista de Ferrocarriles sobre la agrupación futbolística frecuentada por los trabajadores ferroviarios; iii) y los factores que llevaron al declive de este influjo. La adhesión de los ferrocarriles al fútbol, además de posibilitar el distanciamiento momentáneo de la extenuante rutina de trabajo, contribuía al fortalecimiento de los lazos del grupo. La dirección de Paulista, dispuesta a vigilar las acciones de sus funcionarios fuera del universo fabril, se empeñó en intervenir en los rumbos del Río Claro FC, pero este proceso vino acompañado de tensiones, especialmente con los comerciantes e hijos de inmigrantes italianos que pasaron a adquirir mayor relevancia en el cotidiano de la agremiación.

**Palabras-clave:** Fútbol. Río Claro Futebol Clube. Ferrocarril. Empresa Paulista de Ferrocarriles. Paternalismo.

### **Introdução**

Este artigo tem como objetivo analisar a emergência do futebol operário em Rio Claro, com ênfase no desenvolvimento do Rio Claro Futebol Clube, e o consequente paternalismo da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Apresenta-se a relação da respectiva agremiação com os caminhos de ferro e a própria atividade futebolística como um fenômeno essencialmente urbano-industrial.

Como discutido por Almeida (2017), na virada para o século XX, a prática do futebol e a criação de clubes pela iniciativa de sujeitos vinculados às empresas ferroviárias começaram a se tornar uma prática comum. As agremiações surgiam às margens dos trilhos, funcionavam como pontos de encontro para os trabalhadores urbanos, fomentavam a sociabilidade, o sentimento de pertencimento entre seus membros e reforçavam os traços de identidade.

Aos poucos, porém, essas atividades da classe trabalhadora foram sendo cercadas por outros interesses. A burguesia industrial descobriu na prática do futebol um sutil e persuasivo mecanismo de controle. Em outras palavras, os patrões começaram a

apoiar os clubes criados pelo operariado com o intuito de alcançar determinados objetivos, entre eles vigiar e disciplinar o tempo livre dos trabalhadores. Logo perceberam que a agremiação também poderia funcionar como uma vitrine da empresa, capaz de contribuir com seu sucesso comercial, isto é, a instituição veicularia uma imagem positiva através do futebol, de uma empresa preocupada com o divertimento dos subalternos, de um patronato generoso que se relaciona dignamente com os empregados, como se todos fizessem parte de uma grande e privilegiada “família”.

Com base nessas proposições, discutiremos a organização e as atividades desenvolvidas pelo Rio Claro F. C., já que a agremiação manteve características de “clube de fábrica” por mais dezesseis anos ao se submeter às influências do quadro administrativo da Companhia Paulista, ou seja, uma relação que esteve pautada, sobretudo, no paternalismo<sup>4</sup>.

O artigo está organizado em três pontos centrais. Inicialmente, tratamos a respeito do surgimento do Rio Claro F. C.. Os primeiros contatos dos trabalhadores urbanos com o futebol, o desenvolvimento das “pelejas” ao redor dos trilhos da Companhia Paulista e o decorrente surgimento da agremiação em questão. Na sequência, aborda-se o estreitamento da relação entre Rio Claro F. C. e dirigentes da Companhia Paulista. Os auxílios da empresa para a manutenção das atividades do clube, os interesses por trás deste apoio, as exigências em relação aos sócios, a influência dos diretores do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista no dia a dia da agremiação, a participação do clube nos primeiros campeonatos de futebol do interior, o tratamento dado aos operários-jogadores, enfim, a consolidação do paternalismo. Por fim, no último item, explora-se a inserção crescente de indivíduos externos às oficinas da companhia ferroviária na rotina do clube - inclusive em sua diretoria -, com destaque para os comerciantes e filhos de imigrantes italianos, as consequentes tensões entre Rio Claro F. C. e o binômio Grêmio-Companhia Paulista, e o declínio do paternalismo da empresa.

### **A bola rola na beira dos trilhos: primórdios do Rio Claro Futebol Clube**

À medida que os trens foram penetrando pelo interior paulista, estes não se limitaram a transportar apenas café e outras mercadorias, mas também novos valores, hábitos, costumes, enfim, elementos que representavam o que havia de mais moderno na época. A revolução dos transportes simbolizava a compressão do tempo e espaço, favorecendo a integração regional e a interação entre pessoas que antes viviam distantes

---

<sup>4</sup> No contexto analisado, o conceito paternalismo abrange as iniciativas implantadas pela alta cúpula da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, visando vigiar e organizar as ações e relações de seus operários, inclusive fora dos muros das oficinas ferroviárias. Segundo Rago (1985), ao conceder determinados “benefícios” para os trabalhadores, o patrão busca não apenas transmitir a ideia de que tanto ele quanto os subalternos integram uma mesma “família”, mas, sobretudo, reforçar sua própria autoridade, simbolizada na figura do “pai”.

(HOBSBAWM, 2002). Os vagões levavam os “bandeirantes do esporte”, os quais estimulavam o gosto pela atividade esportiva nas comunidades interioranas.

Em Rio Claro, a chegada dos trilhos da Companhia Paulista, bem como a instalação da estação (1876) e das oficinas da empresa ferroviária (1892), não só atraíram estabelecimentos comerciais e industriais, como propiciariam, em seu entorno, a conformação das residências daqueles que trabalhavam na estrada de ferro. Ou seja, estes arredores serviram de reduto para que os sujeitos tivessem os primeiros contatos com um elemento cultural moderno, recém-trazido pelos trens: o futebol.

Dentre os primeiros clubes futebolísticos ali constituídos, podemos citar: o Pery Football Club, cujas atividades duraram de 1902 a 1905; e o Anhangás Foot-Ball Club, fundado em 1906. Ambos possuem em comum o fato de terem contado, desde o início, com a participação de pequenos comerciantes e, principalmente, ferroviários. Com exceção do Pery, não encontramos registros que apontem o ano em que o Anhangás deixara de existir. Contudo, isto não nos impede de imaginar que suas atividades tenham durado pouco tempo, visto que a partir de 1909, o jornal O Alpha começou a ceder um considerável espaço às notícias referentes ao novo clube que surgia na cidade, o Rio Claro Foot-Ball Club, fundado em 9 de maio daquele ano, fruto das relações entre o comerciante Joaquim Arnold e três operários da Paulista: Bento Estevam de Siqueira, Constantino Carrocine e João Lambach.

Conforme mencionado, Joaquim Arnold pode ser visto como um típico “bandeirante do esporte”. Descendente de alemães, Joaquim envolveu-se com a prática esportiva após experiência no Sport Club Germania, de São Paulo. Nascido em Rio Claro, migrou para a capital no final do século XIX para estudar no Colégio Diocesano, situado na Avenida Tiradentes. Posteriormente, montou um armazém na Avenida Duque de Caxias, próximo à Praça Princesa Isabel. Lá, o jovem comerciante buscou estreitar os laços com os demais teuto-brasileiros que ali viviam. Assim como a mocidade da época, ficou embebido dos novos repertórios apresentados pelo emergente estilo de vida urbano. A criação das sociedades desportivas e, principalmente, a popularização do futebol, seduziam o rapaz interiorano. Joaquim decidiu filiar-se ao Germania logo nos primeiros anos de vida da associação, e em 1904, disputou o Campeonato Paulista pelo “clube dos alemães”.

Pouco tempo depois, Joaquim regressou a Rio Claro para dar continuidade a sua vida de comerciante. Imbuído dos valores modernos da capital, o jovem buscou fortalecer a prática do futebol na cidade. Aproximou-se de alguns ferroviários que ali residiam e passaram a organizar suas “pelejas”, as quais eram disputadas numa área descampada nas cercanias da Companhia Paulista.

Exatamente nesse contexto que emerge o Rio Claro Futebol Clube. As iniciativas de Joaquim Arnold, Bento Estevam de Siqueira, Constantino Carrocine e João Lambach indicam uma agremiação resultante de um processo de sociabilização que se estabelece em duas frentes, isto é, por meio do contato diário entre colegas de trabalho e através

dos simples “bate-bolas” à margem dos trilhos, reunindo diferentes atores sociais. É possível que os funcionários da Paulista tenham visto na figura de Joaquim Arnold um potencial articulador para organizar uma agremiação nos moldes desejados, agendar amistosos e marcar treinamentos, pois, como vimos, o comerciante possuía experiência como associado e jogador do Sport Club Germania, um dos principais clubes de futebol de São Paulo.

O anseio por parte dos membros do Rio Claro F. C. em conferir ao clube um caráter mais organizado era evidente. Apropriando-se de uma área situada no bairro Cidade Nova, nas adjacências das linhas férreas, seus integrantes tentavam encetar uma rotina de treinamentos, conforme informa o jornal O Alpha em sua edição de 13 de junho de 1909: “No ground do Rio Claro Foot-ball Club, na avenida 8, além da via férrea, realiza-se hoje, às 4 horas da tarde, um training entre o primeiro e segundo teams daquela associação” (O ALPHA, 1909, p. 2). As reuniões para tratar de assuntos relativos ao clube também adquiriam relevância entre os sócios, ocorrendo, por vezes, na sede do Centro Operário local, ponto de encontro e organização dos trabalhadores ferroviários, como noticiado pelo jornal O Alpha em 4 de maio de 1913: “Hoje, a uma hora da tarde, na sede do Centro Operário, reúnem-se em assembleia geral os sócios do Rio Claro Foot-ball Club” (O ALPHA, 1913, p. 2).

Em seu primeiro ano de vida, o Rio Claro F. C. encontrava algumas dificuldades para conseguir oponentes, em virtude da existência de poucos clubes de futebol razoavelmente organizados no interior do Estado de São Paulo até aquele momento (ARNOSTI; PAULETTO; SILVA, 2009). Para viabilizar os primeiros embates, foi necessário que o clube buscasse adversários oriundos de cidades onde havia conexão por meio da ferrovia. Em sua edição de 23 de janeiro de 1910, o jornal O Alpha noticiava o primeiro amistoso do Rio Claro F. C., disputado contra o Sport Club Caramurú, da vizinha cidade de Cordeirópolis: “Pelo trem da tarde chegará hoje a esta cidade o 1º team do Sport Club Caramurú, de Cordeiro, que vem disputar um match de football com o 1º team do Rio Claro Foot-ball Club (...)” (O ALPHA, 1910, p. 2).

O Rio Claro F. C. saiu como vencedor desse duelo, superando o adversário pelo placar de 2x0. Esta primeira vitória serviu de alento aos membros do clube. Os operários da Companhia Paulista que integravam a agremiação trataram de intermediar um novo desafio, desta vez contra os “colegas de profissão” do Paulista Futebol Clube, de Jundiáí. O jornal O Alpha, em sua edição de 14 de junho de 1910, trouxe os seguintes detalhes sobre o jogo:

Conforme noticiamos, chegou *ante-hontem* a esta cidade 2 *teams* do *Jundiahhy Paulista*, que vieram disputar 2 *matchs* de *foot-ball* com seus colegas do *Rio Claro Foot-Ball Club*. O jogo teve início às 10:40 com o 2º *team*, saindo vencedor o Rio Claro, por 1 *goal* a 0. Em seguida teve início o jogo do 1º em que ambas as equipes demonstraram igualdade em forças, sendo, portanto, uma *lucta renhida*, empatando o jogo. Foi servido copo de *chopps* aos jogadores. Os jogadores do *Jundiahhy Paulista* regressaram com o trem das 2:10 (O ALPHA, 1910, p. 2).

Apesar da relativa empolgação, é preciso reconhecer que o número de partidas realizadas pelo clube se manteve escasso até o final de 1913. As limitações financeiras dos trabalhadores também eram um empecilho para custear viagens até outras cidades para desafiar novas agremiações. Para atenuar as dificuldades, os jogadores buscavam promover treinos ou “rachões”<sup>5</sup> entre si durante a semana. Somente em 21 de maio de 1911 o jornal *O Alpha* voltou a noticiar um amistoso do Rio Claro F. C., ou seja, quase um ano após o duelo com a equipe de Jundiaí. Conforme divulgado pelo periódico, os *matches* seriam disputados contra o *Guarany*, de Descalvado:

Hoje, pelo expresso das 10 da manhã, são festivamente esperados dois *teams* do club *Guarany*, de Descalvado, que vem disputar *matchs* com os seus colegas do *Rio Claro Foot-ball Club*. Os folgazões rapazes retornarão hoje mesmo, à tarde (O ALPHA, 1911, p.2).

É nítida a relação futebol, estrada de ferro e ferroviários. A concentração de trabalhadores urbanos nas cercanias das linhas férreas, sobretudo da mão-de-obra da Companhia Paulista<sup>6</sup>, a própria proximidade entre os operários no dia a dia da empresa ferroviária, parecem ter auxiliado na difusão da experiência organizativa. Os setores de tráfego, linha e tração eram importantes pontos de união, grandes superfícies de contato entre os trabalhadores. Segundo Benévolo (1953), entre um maquinista de uma locomotiva - serviço técnico caracterizado pelo movimento - e o guarda-chaves de uma estação - pequena tarefa administrativa de função secundária - as relações são contínuas, e o mesmo sucede entre os agentes, feitores de turmas, guarda-freios, conferentes, telegrafistas, foguistas, chefes de trens, quase todos os dias em contato, ou pelo menos em constantes relações de trabalho.

O Rio Claro F. C. emerge como um espaço de mediação, cujos símbolos, normas e vivências têm o potencial de conferir uma identidade aos seus integrantes. Reflete uma tentativa de objetivação de um espaço fundamental na vida dos trabalhadores que se situa entre a casa e a sociedade mais ampla, como diria Guedes (1998).

A seguir, discutiremos os condicionantes, as características e os interesses envolvidos no estreitamento das relações entre o Rio Claro F. C. e dirigentes da Companhia Paulista. Em outras palavras, como os integrantes da agremiação acabaram se submetendo ao quadro administrativo da empresa ferroviária e tornando-se dependentes de seu paternalismo.

---

<sup>5</sup> Constituem uma espécie de simulação de jogo, um “coletivo”, só que com um caráter mais “solto”. Não há uma preocupação tão grande com questões táticas, sendo comum até mesmo a alternância constante de posição e função entre os jogadores.

<sup>6</sup> Segundo Segnini (1982, p. 64), em 1929, as oficinas da Companhia Paulista, em Rio Claro, empregavam 903 funcionários, assim distribuídos: 1 chefe de oficinas; 1 subchefe de oficinas; 9 contramestres; 13 encarregados de turma; 10 feitores; 40 ajustadores; 35 torneiros; 12 caldeireiros; 8 funileiros; 157 carpinteiros; 7 eletricitas; 249 trabalhadores; e 361 operários diversos.

## O Rio Claro Futebol Clube sob o paternalismo da Companhia Paulista

Conforme dissemos, os trabalhadores urbanos que integravam o Rio Claro F. C., em especial os ferroviários, passaram a demonstrar não só um interesse cada vez maior pela atividade futebolística, mas também o desejo de a praticar em condições mais apropriadas. Porém, havia um empecilho: de onde viriam os recursos para concretizar tal anseio? Mesmo que a cotização entre os integrantes dessas pequenas agremiações pudesse figurar como uma alternativa possível, ainda era insuficiente para cobrir todos os custos que a prática do futebol nos moldes almejados envolvia. Em geral, os valores pagos eram irrisórios, quase simbólicos, devido ao baixo poder aquisitivo da classe trabalhadora.

Recorrer ao auxílio da direção da empresa em que trabalhavam parecia ser uma solução viável - e até mesmo fundamental - para a manutenção da atividade futebolística. O diálogo poderia ser favorecido em virtude da relativa afinidade já existente entre a empresa e o clube, pois tudo havia começado a partir das relações de amizade estabelecidas pelos operários no espaço de trabalho.

Uma vez obtida a anuência dos empresários e a garantia de continuidade da prática esportiva, graças à colaboração que eles se comprometiam a proporcionar, a organização da agremiação operária assumia contornos distintos. A direção da empresa passava a subsidiar diferentes atividades para os trabalhadores, do futebol aos eventos sociais mais variados. Forneciam materiais esportivos, como uniforme, bolas e chuteiras, cediam os campos para que os subalternos pudessem realizar seus treinos e jogos, salões para bailes, além de promoverem piqueniques e excursões que congregavam os sócios do clube e seus familiares (ANTUNES, 1992).

Os dirigentes da empresa contribuía com a agremiação, mas exigiam uma contrapartida. Queriam estar cientes sobre as atividades desenvolvidas, a procedência e a quantidade de sócios, e ainda acompanhar o movimento financeiro da associação através dos balancetes mensais ou anuais. Esboçava-se, assim, um persuasivo mecanismo de controle sobre o clube, um prolongamento da vigilância presente no regime de trabalho fabril para fora do espaço da produção.

O acordo firmado entre a empresa e o clube resultava em um aprimoramento organizacional deste último. Constituíam-se uma diretoria, cujos membros tinham a função de gerenciar as atividades da associação. A tendência era de que esses diretores fossem recrutados dentre os integrantes dos próprios quadros burocráticos da empresa, como chefes, diretores, gerentes, mestres e contramestres, ou seja, a direção escapa das mãos dos antigos fundadores para cair no domínio dos “doutores” ou “homens de negócio” (QUEIROZ, 1986).

A diretoria da agremiação, juntamente com outros órgãos burocráticos, como os conselhos fiscal e deliberativo, elaborava os regimentos internos e estatutos, determinando os direitos e deveres dos associados. A aprovação desses documentos,

contudo, cabia à alta cúpula da empresa. Ela queria estar a par do que se passava no interior da sociedade, certificando-se de que a ordem e a disciplina fossem preservadas.

Os operários-jogadores desfrutavam de alguns privilégios, sobretudo os que eram considerados craques. Chegavam a ser realocados para desempenhar um trabalho mais leve no interior da fábrica, onde pudessem economizar suas energias para concentrá-las no futebol, ou eram até mesmo promovidos mais rapidamente. Nos dias de treino, tinham “autorização dos diretores da empresa para deixar o trabalho mais cedo, com uma condição: dirigir-se ao campo de futebol, a fim de realizar os treinos coletivos” (CALDAS, 1990, p. 29).

Não raro, a estratégia de utilizar o futebol dos trabalhadores como uma ferramenta para divulgar uma imagem positiva da empresa foi transformando a modalidade em um espaço seletivo. A publicidade seria ainda mais eficaz caso se formasse uma equipe bastante competitiva, composta por aqueles que tinham maior intimidade com a bola nos pés. A seleção para os “times de fábrica” foi ficando mais rigorosa e as oportunidades foram sendo concedidas somente aos operários mais habilidosos. Aos demais funcionários, restavam o papel de espectadores nas arquibancadas ou a participação em outras atividades promovidas pela agremiação, como bailes, piqueniques e eventos de confraternização.

Os elementos até aqui apresentados indicam, de maneira geral, o modelo de funcionamento dos “clubes de fábrica”. É importante entendermos suas bases, para que possamos discutir os pontos comuns e as singularidades do Rio Claro F. C., que, a nosso ver, adquire certas características de “clubes de fábrica” ao estabelecer vínculos com a empresa ferroviária, de 1914 a 1930.

A chave para compreendermos o início da relação do clube com a Companhia Paulista pode estar associada a três fatores: a presença de ferroviários dentre os associados, o desejo de melhorar as condições da prática do futebol e a carência de recursos para concretizar tal anseio.

Parece-nos plausível considerar que a iniciativa dos integrantes do Rio Claro F. C. de buscar auxílio junto aos dirigentes locais das oficinas da Paulista não era mero acaso. É preciso lembrar que, além do contato direto que mantinham com a administração geral da companhia, eram eles os responsáveis pelo gerenciamento do Grêmio, uma sociedade recreativa destinada aos trabalhadores da estrada de ferro e a única da cidade a possuir uma praça de esportes invejável.

Formado por operários, pequenos comerciantes, trabalhadores assalariados ou independentes, o Rio Claro F. C. viria a sofrer as primeiras mudanças em sua organização, conforme notícia publicada pelo jornal *O Alpha*, em sua edição de 28 de fevereiro de 1914. A nomeação do chefe local da Paulista, Adão Gray, para exercer a presidência do clube, era um sinal de que a direção estava escapando das mãos dos trabalhadores urbanos.

Na eleição realizada antes de ontem, na sede do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista, a nova diretoria do *Rio Claro Football Club* ficou composta dos seguintes senhores: Presidente, Adão Gray; vice-presidente, Martinho Hofling; tesoureiro, Luiz Wehlmut; 1º secretário, João Brasil Bueno; 2º secretário, Adelino de Oliveira; orador, Benedicto Leite; 1º procurador, Sebastião Leite; 2º procurador, Francisco Leopoldo; 1º *captain*, Alfredo Pinto; 2º *captain*, Fulgêncio Godoy; 1º fiscal, Augusto Bull; arquivista, Miguel Navas (O ALPHA, 1914, p. 2).

Naquele momento, Adão Gray figurava como presidente do Grêmio e ocupava o posto mais alto na hierarquia das oficinas ferroviárias. Ou seja, ninguém melhor do que ele para intermediar o auxílio do Grêmio e, conseqüentemente, da Companhia Paulista para o Rio Claro F. C.

Com o intuito de facilitar o diálogo entre a diretoria da empresa e o clube, os operários perdem o espaço de vanguarda para se submeterem agora, também no seu tempo livre, no seu lazer, aos dirigentes da fábrica. O assunto relativo ao financiamento da agremiação fora tratado oficialmente pelos diretores do Grêmio na reunião realizada no dia 29 de abril de 1914. Basicamente, o clube futebolístico solicitava autorização para treinar e jogar no campo gremista. A estratégia de convencimento pareceu-nos interessante. O clube encaminhou uma lista com os nomes de 66 associados, argumentando que os mesmos também eram filiados ao Grêmio (GRÊMIO RECREATIVO DOS EMPREGADOS DA COMPANHIA PAULISTA DE ESTRADAS DE FERRO, 1914). Uma forma evidente de tentar demonstrar a afinidade entre Rio Claro F. C. e Grêmio, ou melhor, Rio Claro F. C. e Companhia Paulista.

A administração do Grêmio seguia os inexoráveis padrões normativos exigidos pela empresa ferroviária. Não é de estranhar, portanto, que a primeira atitude de seus diretores tenha sido a análise da procedência de cada sócio do Rio Claro F. C.. Eles contestaram a listagem apresentada, alegando que dos nomes elencados, somente 50 integravam ambas as sociedades. Como dissemos, a diretoria gremista era bem criteriosa quanto à filiação de indivíduos que não trabalhavam na Paulista, limitando o número de adesões. O objetivo maior era controlar o tempo livre dos ferroviários, mantê-los em constante vigilância, “moralizar” suas ações e comportamentos mesmo que estivessem fora das oficinas.

Os diretores do Grêmio mostraram-se dispostos a patrocinar o Rio Claro F. C., afinal, seria mais uma forma de enquadrar os operários no paternalismo. Cederiam o campo para as “pelejas”, salões para eventos sociais, salas para a realização de suas assembleias, forneceriam bolas, uniformes e ainda permitiriam que um representante do clube participasse das reuniões da diretoria gremista para tratar dos assuntos relacionados ao futebol. Por outro lado, estabeleciam algumas contrapartidas: a agremiação só poderia ser formada por empregados da Companhia Paulista; nos dias de jogos, seriam cobrados ingressos das pessoas externas ao Rio Claro F. C. e ao Grêmio; nas partidas contra equipes de outras cidades, os operários-jogadores teriam que fazer um rateio para contribuir com a recepção dos adversários; e em caso de dissolução do

clube futebolístico, todos os seus bens passariam integralmente ao Grêmio. Exatamente nesse contexto que a agremiação passa a ser reconhecida como “Rio Claro F. C., do Grêmio”.

A dependência do Rio Claro F. C. em relação aos “doutores” da Paulista também se manifestaria no nível disciplinar. Seus regulamentos e estatutos foram reelaborados conforme as determinações da diretoria gremista, sendo estes dotados de uma significativa dose “moralista”. Os pedidos de admissão de novos sócios eram analisados por uma comissão de sindicância, a fim de que elementos inconvenientes não colocassem em risco a “ordem” interna. Exigia-se dos membros da agremiação, compostura e comportamento exemplares, sob a justificativa de elevar o nome do Rio Claro F. C., dentro e fora da sede.

O controle interno do clube era exercido através da imposição de normas rígidas e de uma vigilância constante. Os estatutos, extremamente austeros quanto aos deveres dos sócios, previam uma série de penalidades, que iam desde uma simples advertência até a eliminação definitiva do quadro social. Os associados eram alertados para medir as palavras, dosar as críticas, para não denegrir a imagem do clube. Aqueles que não se portassem com a devida moral e respeito nas festas promovidas pelo Rio Claro F. C. também estavam sujeitos a sofrer punições. Era comum que alguns diretores gremistas circulassem por todo o salão, a fim de observar de perto o comportamento das pessoas, zelando pela manutenção da “boa ordem” no recinto. A disciplina funcionava como uma extensão daquela que os trabalhadores já vivenciavam no interior das oficinas da Companhia Paulista.

Além de gerir, nos mínimos detalhes, todos os movimentos dos sócios, a estipulação de regras de conduta, códigos de penalidades e punições cumpria uma importante função simbólica. A adoção de um modelo de administração burocrático e formalista pelas agremiações de origem popular transmitia uma imagem de ordem e eficiência, em oposição à de desordem e vadiagem. Com o desejo de que seu clube adquirisse maior relevo e respeitabilidade perante a sociedade, os próprios associados tenderiam a incorporar a ideia de que, sob uma nova organização complexa, o mesmo deveria ser conduzido por pessoas “experientes”, suficientemente instruídas e bem relacionadas.

A autonomia do Rio Claro F. C. vai se diluindo gradativamente. Dada sua “credibilidade” e maior “experiência”, os diretores gremistas passam a estabelecer intervenções no processo eleitoral da agremiação, buscando imprimir um controle cuidadoso quanto às pessoas que dirigiam ou que viessem a dirigi-la. Os funcionários que desempenhavam funções administrativas ou de maior “relevância” na empresa ferroviária, como os chefes de seção, engenheiros e escriturários, adquirem legitimidade para ocuparem posições privilegiadas em sua diretoria, sobretudo a presidência. Torna-se comum, inclusive, a presença simultânea de diretores do Grêmio no quadro burocrático do clube futebolístico.

Durante o período em que esteve sujeita às influências do binômio Grêmio-Companhia Paulista, a diretoria do Rio Claro F. C. sofrera algumas variações no que tange à quantidade de membros e denominação dos cargos. Mesmo assim, podemos dizer que a administração do dia a dia do clube estava, basicamente, sob a responsabilidade de nove pessoas: presidente, vice-presidente, primeiro e segundo secretários, primeiro e segundo tesoureiros, primeiro e segundo procuradores<sup>7</sup> e um diretor esportivo. Esses eram eleitos pelo voto direto dos associados, reunidos em Assembleia Geral, para um mandato de um ano. Todas as discussões e decisões referentes às atividades da associação, desde as mais simples às mais importantes, passavam pela diretoria obrigatoriamente<sup>8</sup>.

Seus integrantes eram encarregados de elaborar relatórios de atividades detalhados e submetê-los ao crivo da diretoria do Grêmio, “porta-voz” da administração geral da companhia ferroviária. Esta, por sua vez, auxiliava o Rio Claro F. C. na manutenção de sua sede social e esportiva, na promoção de festividades, investia em melhorias no *ground*<sup>9</sup> - como a construção de uma arquibancada<sup>10</sup> com capacidade para abrigar mil espectadores - e intermediava amistosos contra diferentes clubes.

A diretoria do Grêmio dos Empregados da Companhia Paulista solicitou desta associação uma lista dos associados e também quer saber qual é o movimento dessa sociedade. A diretoria deliberou fornecer à diretoria do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista, uma lista com os nomes dos associados e também um balancete geral do movimento deste clube (RIO CLARO FUTEBOL CLUBE, 1916, p. 7).

Vale lembrar que no início de suas atividades, as limitações financeiras eram um dos fatores que impediam o Rio Claro F. C. de disputar um número maior de partidas. Contudo, a partir do momento em que estabelece relações com a alta cúpula da empresa ferroviária, sua rotina de jogos adquire contornos distintos. Dois eventos promovidos pela diretoria gremista servem para ilustrar essa nova fase do clube: os amistosos disputados contra o *Sport Club Germania* em 20 de fevereiro de 1914 e a *Associação Atlética das Palmeiras* em 27 de agosto de 1916, duas das mais importantes agremiações de São Paulo<sup>11</sup> (O ALPHA, 1914; 1916). No primeiro, um suado empate, com um gol para cada

<sup>7</sup> Os procuradores eram responsáveis pela cobrança e recolhimento das mensalidades dos sócios. Em seguida, repassavam o dinheiro arrecadado para os tesoureiros.

<sup>8</sup> Suas reuniões eram extremamente protocolares. Após o presidente iniciar a sessão, o secretário lia os ofícios recebidos e a ata correspondente ao último encontro. Em seguida, expunha os assuntos em pauta, para que os mesmos fossem discutidos. A reunião se encerrava com a leitura da ata do dia pelo secretário e sua assinatura por este e pelo presidente.

<sup>9</sup> Campo de futebol.

<sup>10</sup> Foi inaugurada em 27 de agosto de 1916, dia do amistoso entre Rio Claro F. C. e *Associação Atlética das Palmeiras*, de São Paulo.

<sup>11</sup> O *Sport Club Germania* era filiado à Liga Paulista de Futebol (LPF), a primeira entidade responsável pela organização dos campeonatos de futebol de São Paulo. A *Associação Atlética das Palmeiras*, por sua vez, integrava a APEA, coligação criada pelas parentelas fazendeiras após uma ruptura interna na LPF. A *Associação Atlética das Palmeiras* havia sido campeã pela APEA em 1915.

lado; no segundo, uma surpreendente vitória sobre os paulistanos pelo placar de um a zero.

Cabe notar a extensão do paternalismo implementado pela Companhia Paulista. Além de mediar a ida de equipes da capital para a cidade de Rio Claro, a empresa fornecia os “passes<sup>12</sup>” de trem para que o elenco do Rio Claro F. C. viajasse para desafiar clubes de outras localidades. Algumas viagens eram gratuitas; em outras, os jogadores recebiam um desconto de 75% no valor da passagem. A liberação dos passes era autorizada pelos funcionários do alto escalão da companhia, como os senhores Durval de Azevedo - engenheiro mecânico chefe -, Jayme Cintra, John Lewis Jones - mestre geral das oficinas - e, principalmente, Adão Gray.

O senhor Nicomedes Correa apresenta-se na reunião, assumindo a presidência da mesma. É lembrado pelo mesmo o pedido de um passe com 75% de abatimento para uma caravana de 25 pessoas para domingo, dia 22, em nosso jogo com o Rio Branco de Americana. Oficiar ao senhor Adão Gray, fazendo o pedido (RIO CLARO FUTEBOL CLUBE, 1930a, p. 23).

Em sinal de reconhecimento, era comum que os integrantes do Rio Claro F. C. organizassem embates futebolísticos contra os “colegas de profissão” das oficinas ferroviárias de Jundiaí. As taças em disputa levavam os nomes dos benevolentes patrões. Outra forma de agradecer os auxílios prestados era por meio da concessão de títulos simbólicos, tal como ocorreu com o senhor Gray, considerado a “*alma mater*<sup>13</sup>” do clube e aclamado presidente honorário da agremiação em Assembleia Geral realizada no dia 13 de janeiro de 1917 (RIO CLARO FUTEBOL CLUBE, 1917a).

Pelo senhor Presidente foi comunicado que, por comunicação verbal com o senhor Sebastião G. Ferraz, digno presidente do Paulista F. C. de Jundiaí, foi confirmado o entendimento do nosso ofício anterior sobre o seguinte: o Rio Claro F. C. irá dia 6 de julho para Jundiaí para disputar uma partida amistosa (noturna) e no dia 7 outra (diurna) para desempatar a taça “Dr. Durval de Azevedo”, sendo que, no próximo dia 19 do corrente, aquele clube virá para esta cidade para disputar o desempate da taça “Adão Gray”. Oficiar ao Paulista de Jundiaí, confirmando e aceitando a combinação (RIO CLARO FUTEBOL CLUBE, 1930b, p. 20).

Os resultados obtidos pelo Rio Claro F. C. frente aos prestigiosos clubes paulistanos, bem como os constantes amistosos disputados contra equipes do interior, dentro e fora da cidade, causaram uma significativa empolgação em sua diretoria, associados, simpatizantes e membros da imprensa. O desempenho inicial encorajou os dirigentes da agremiação e os altos funcionários da Paulista a o inserirem no circuito das competições esportivas.

Em fevereiro de 1919, os meios de comunicação divulgavam a realização do primeiro Campeonato Paulista de Futebol do Interior, organizado pela APEA (Associação

---

<sup>12</sup> Passagens, bilhetes.

<sup>13</sup> É uma expressão proveniente do latim. Significa “mãe que alimenta” ou “mãe que nutre”, na tradução literal para a língua portuguesa.

Paulista de Esportes Atlético). Por ser registrado na entidade desde dezembro de 1917, o Rio Claro F. C. foi um dos convidados e respondeu positivamente. O jornal *O Alpha* declarava não possuir maiores detalhes sobre os regulamentos e clubes inscritos. Noticiava apenas que esses seriam divididos em quatro “zonas”, cujas denominações seriam baseadas nas estradas de ferro que as serviam: Paulista, Mogiana, Sorocabana e Central do Brasil<sup>14</sup>.

Ao que parece, vai se realizar este ano em São Paulo o campeonato de *football* dos *clubs* do interior, filiados à *Associação Paulista de Sports Athleticos*, conforme prometera o seu presidente, o senhor Edgard Nobre de Campos, no relatório apresentado há poucos dias à assembleia geral da APSA. Ainda não está conhecida em detalhe a regulamentação a que obedecerá esse campeonato. O que de agora ficou assentado é que para o efeito dos encontros finais que se realizarão na capital ficará o Estado dividido em quatro zonas que terão essas denominações de acordo com as estradas que as servem: assim teremos as zonas da Paulista, da Mogiana, da Sorocabana e da Central. Os *clubs* de cada uma dessas zonas bater-se-ão uns com os outros para designação do respectivo campeão (O ALPHA, 1919, p. 2).

Como discutido, do ponto de vista comercial, a exposição do Rio Claro F. C. parecia interessante para a Companhia Paulista. A presença de seus funcionários na direção do clube e entre os futebolistas, a divulgação do auxílio prestado pela empresa na manutenção das atividades da agremiação e o financiamento das viagens de trem para que os jogadores disputassem as partidas de campeonato podiam funcionar como um importante veículo publicitário para a companhia, transmitindo a imagem de uma instituição disposta a investir no divertimento de seus trabalhadores.

A tabela 1 resume um pouco a participação do Rio Claro F. C. nas edições do Campeonato Paulista de Futebol do Interior durante o período em que esteve vinculado à empresa ferroviária. Nela estão retratados os anos em que a agremiação participou do campeonato e as entidades responsáveis por sua organização. Também podemos ter uma ideia da rivalidade entre as coligações para conquistar o direito de representar oficialmente o futebol do Estado de São Paulo. Até 1925, o clube disputou a competição organizada pela APEA. No ano seguinte, após ser eliminado do quadro de integrantes da associação<sup>15</sup>, filia-se a uma nova entidade, a Liga de Amadores de Futebol (LAF)<sup>16</sup>, disputando a divisão interiorana até 1929<sup>17</sup>.

<sup>14</sup> O Rio Claro F. C. integrava a “Zona Paulista”.

<sup>15</sup> A realização do amistoso entre Rio Claro F. C. e *Associação Atlética das Palmeiras* no dia 23 de maio de 1926, na cidade de Rio Claro, ocasionou a exclusão do clube do interior do quadro de membros da APEA. Esta última fiscalizava os jogos disputados pelas agremiações que a integravam, restringindo, conseqüentemente, os embates contra clubes não filiados. Para piorar, a agremiação paulistana fazia parte da entidade rival, a LAF.

<sup>16</sup> A LAF surge a partir de uma cisão no interior da APEA, desencadeada pelo clube vinculado à aristocracia fundiária, o *Clube Atlético Paulistano*. Incomodados com o avanço do “amadorismo marrom”, seus diretores resolvem abandonar a APEA e criar uma nova entidade. Ao fundar a LAF, em 3 de dezembro de 1925, pretendiam transformá-la na única representante legítima do futebol de São Paulo. Clubes tradicionais apoiaram o movimento da elite fazendeira, dentre eles a *Associação Atlética das Palmeiras*. Para concorrer com a APEA e tentar até mesmo suprimi-la, a LAF organizava seus campeonatos em diferentes divisões: principal, intermediária, colegial, santista e interior. Esta última estava subdividida em três regiões, cujas denominações também se baseavam nas ferrovias que as “cortavam”: Paulista, Mogiana e Central. No entanto, as competições regidas pela LAF não duraram muito tempo. A entidade não conseguiu lutar contra o avanço do profissionalismo, sendo extinta ao fim do último

Tabela 1: Participação do Rio Claro F. C. no Campeonato Paulista de Futebol do Interior

Ano	Campeonato do Interior - Organização
1919	APEA
1920	APEA
1921	APEA
1922	APEA
1923	APEA
1924	APEA
1925	APEA
1926	LAF
1927	LAF
1928	LAF
1929	LAF

Fonte: Elaborada pelos autores

No entanto, o desejo crescente pelo sucesso do Rio Claro F. C., pela transmissão de uma imagem positiva da Companhia Paulista, o interesse em criar uma imagem conjunta do clube e empresa como “vencedores”, foi resultando em uma seleção mais criteriosa dos jogadores. A ideia, agora, era reunir somente os melhores na equipe. Para elevar o nível técnico, a diretoria fomentava a competição entre os postulantes a uma vaga no elenco, concedendo a isenção do pagamento de mensalidades para os que fossem escolhidos: “Os sócios que estiverem escalados para os *teams* de *football* em número de treze para cada um, são isentos das mensalidades enquanto perdurarem no quadro de *footballers*” (RIO CLARO FUTEBOL CLUBE, 1920b, p. 100). Aqueles que gostavam de jogar por simples diversão ou que demonstravam menor habilidade tinham que se conformar com a condição de espectadores ou então participar de outras atividades. O futebol perdia, definitivamente, a característica de atividade de lazer acessível a todos os sócios e assumia a conotação de uma prática esportiva reservada a poucos.

Há um importante detalhe a ser observado. Com o interesse em ampliar a projeção do nome do clube, seria inviável seguir a exigência inicial de que o Rio Claro F. C. fosse formado apenas por funcionários da Paulista. Não fazia sentido limitar o acesso de um bom jogador só pelo fato de ele não trabalhar nas oficinas ferroviárias. A abertura de exceções poderia ser vantajosa. O time ficaria mais competitivo, alcançaria melhores resultados e continuaria promovendo a imagem da companhia que o financiava. É nesse contexto também que alguns sujeitos - valendo-se da ascensão social obtida através do comércio local - passam a exercer funções administrativas no clube, principalmente filhos de imigrantes italianos, como Agnello Caetano Castellano, Antonio Padula Netto.

O senhor presidente faz ciente aos seus colegas de diretoria, ter notado no livro de

---

campeonato, disputado em 1929.

<sup>17</sup> No Campeonato do Interior organizado pela LAF, o Rio Claro F. C. pertencia a “Região Paulista”.

ponto dos ensaios para o *training* que o senhor Lydio Camparoto assina o ponto demasiado tarde e não como pede nosso regulamento, às 5:45 da tarde; acha-se de urgente necessidade oficiar ao mesmo senhor, chamando a atenção para o aludido regulamento, afim de mantermos a boa ordem e a disciplina entre os jogadores (RIO CLARO FUTEBOL CLUBE, 1917b, p. 15).

O regimento da agremiação também estabelecia mecanismos disciplinares e proibições em relação aos jogos e viagens. Ausentar-se no dia de “peleja” ou disputar partidas com a camisa de outro clube sem o consentimento da diretoria eram consideradas faltas graves. Os infratores podiam ser suspensos por no mínimo trinta dias ou, então, sofrer uma punição mais pesada, como a exclusão do quadro social (RIO CLARO FUTEBOL CLUBE, 1916; 1918). Seus nomes e as respectivas penalidades eram expostos em um lugar bem visível - geralmente uma lousa -, de forma que se sentissem envergonhados e servindo de exemplo para que seus companheiros não cometessem o mesmo erro. O objetivo era fazer o operário-jogador interiorizar a vigilância do “olho do poder” (RAGO, 1985, p.26). Mecanismos como este nos faz lembrar o texto “Microfísica do Poder” de Michel Foucault (2014), apresentando os interstícios do poder nos momentos mais simples da vida cotidiana, e que as pessoas estão desarmadas e não imaginam que estão sendo controladas, uma forma de incutir o controle sub-repticiamente. O espaço de sociabilidade espontânea é um importante local para exercer este tipo de poder.

A disputa de partidas fora da cidade era outro fator que despertava a atenção dos diretores. Havia uma rígida fiscalização quanto à postura dos jogadores nessas viagens, sobretudo nos hotéis em que ficavam hospedados. Mesmo após a estadia, era comum que os dirigentes entrassem em contato com o proprietário do estabelecimento, perguntando a respeito da conduta dos futebolistas.

Deliberou-se oficiar ao proprietário do Hotel Modelo de Ribeirão Preto, perguntando sobre a maneira como se portaram nossos jogadores quando estiveram naquela cidade no dia 6 do corrente, em disputa de um *match* amistoso com o Comercial F. C. (RIO CLARO FUTEBOL CLUBE, 1919, p. 70).

Esses jogadores eram, antes de tudo, trabalhadores urbanos. Ou seja, estavam sujeitos a uma dupla e implacável pressão. De um lado, deviam cumprir o horário e suas tarefas no espaço de trabalho no dia seguinte a um treino ou uma partida. De outro, exigia-se a presença assídua nos treinamentos e jogos, além de bom desempenho. Alguns se submetiam a esse controle, pois tinham interesses bem definidos: ascender socialmente através do futebol.

Defender as cores do Rio Claro F. C. em amistosos e, sobretudo, nos jogos do Campeonato do Interior significava a oportunidade de os operários-jogadores mostrarem suas qualidades e eventualmente ingressarem em clubes de maior expressão, tal como ocorreu com os futebolistas João Gemignani, Lydio Camparoto, Alfredo Marino e José Jonas Hebling. Em 1918, os quatro rapazes foram convidados para jogar pelo *Minas Geraes Football Club*, agremiação de São Paulo - mais precisamente do bairro do Brás -

que disputava a divisão principal do Campeonato Paulista organizado pela APEA. Nas palavras de Antunes (1992, p.53):

O futebol se transformava para eles em atividade profissional paralela, cujos vencimentos, sob a forma de gratificações ou de um segundo salário, complementavam sua renda mensal. Dedicavam a semana à fábrica e o fim de semana ao futebol. Estas características definiam o exercício de um profissionalismo operário, o profissionalismo possível à maioria dos operários-jogadores.

Como demonstramos, há uma clara relação entre Rio Claro F. C. e Companhia Paulista. Interessante pensarmos nas transformações do clube futebolístico a partir do momento em que se sujeita às intervenções da referida empresa. O desejo de melhorar as condições da prática esportiva, aliado à limitação de recursos, impulsionou seus associados a buscarem o apoio da alta cúpula da Paulista, afinal, muitos deles trabalhavam como operários nas oficinas ferroviárias locais. É nesse contexto que os funcionários do alto escalão da companhia se inserem na burocracia do clube, ocupando importantes cargos. O Rio Claro F. C. se torna objeto de vigilância dos “doutores” da Paulista. Havia um grande interesse dos patrões em reger o tempo livre dos subalternos, moralizar suas ações e comportamentos. A iniciativa de patrocinar o futebol e as demais atividades da agremiação constituía uma expressão do paternalismo. Era um sutil e eficiente mecanismo de controle, além de promover uma imagem positiva da empresa ferroviária, isto é, de uma instituição que também se preocupava com o divertimento de seus empregados.

O Rio Claro F. C. manteve características de “clube de fábrica” por mais de dezesseis anos. Na sequência, abordaremos seu afastamento das influências da Companhia Paulista e as causas desta desvinculação.

### **Tensões e declínio do paternalismo**

A inserção gradativa de indivíduos externos às oficinas da Companhia Paulista na rotina do clube, inclusive em sua diretoria, era um sintoma da modernidade. À medida que as linhas férreas suprimem ou diminuem a distância real entre os indivíduos, elas aumentam a densidade moral, ou seja, a aproximação e o intercâmbio entre eles. A vida social se generaliza. As relações sociais tornam-se mais numerosas, estendendo-se para todos os lados.

Exatamente nesse contexto que os imigrantes italianos e descendentes radicados em Rio Claro adquirem proeminência. Com o desenvolvimento da economia cafeeira, um significativo volume de italianos encontrava-se dominando tanto o comércio quanto as pequenas fábricas. Foi mais ou menos inevitável que alguns desses prosperassem e que pretendessem, agora, conquistar novas posições. A mobilidade social adquirida mediante as atividades e ofícios de caráter urbano proporcionou a figuras como Agnello Caetano Castellano, os irmãos Antonio, Paschoal e Nicodemo Padula, Caetano e José Pezzoti,

Attilio de Pilla, Francisco Monaco, Nestor Timoni, entre outros, a oportunidade de participar ativamente da vida esportiva do Rio Claro F. C.. Era uma forma de extrapolar os limites da própria colônia, estabelecer novos laços e obter prestígio perante a sociedade local (TRUZZI, 2016).

A emergência desses expoentes individuais bem-sucedidos revelava a formação de uma inédita camada social média e propiciava a construção de novas alianças. É nesse contexto que Agnello e Antonio começam a participar do dia a dia do Rio Claro F. C., onde foram ampliando gradualmente suas influências, sobretudo a partir dos anos de 1920. Não é demais lembrar que, naquele momento, a Companhia Paulista já dava sinais de que estava disposta a expandir o nome do clube. É provável que seus dirigentes tenham visto com bons olhos a integração dos descendentes de italianos no quadro administrativo da agremiação. O sucesso econômico destes poderia ser útil para a manutenção das atividades esportivas, ainda mais depois da inclusão do Rio Claro F. C. no circuito das competições oficiais, em especial no Campeonato Paulista de Futebol do Interior. Esses sujeitos tinham condições de contribuir financeiramente, ajudando na compra dos materiais esportivos, oferecendo gratificações aos jogadores, enfim, seriam os novos mecenas do clube.

A palavra final, contudo, cabia aos funcionários mais qualificados das oficinas ferroviárias, os quais se revezavam na presidência da agremiação. Adão Sidney Berry Gray - filho de Adão Gray e chefe do almoxarifado -, Roberto Ramalho - primeiro escriturário -, Nicomedes Correa - inspetor de carros e vagões -, o português Caetano Ribeiro - chefe da carpintaria - e John Lewis Jones eram alguns dos que mantinham contato direto com a superintendência da Paulista, solicitando autorização para a realização de atividades ou dando-lhe satisfação. Intermediavam a concessão dos passes de trem para as viagens do time, requisitavam melhorias no *ground* - quando necessário - e também comunicavam questões de ordem burocrática, como, por exemplo, a reafiliação do Rio Claro F. C. à APEA em 1930 (RIO CLARO FUTEBOL CLUBE, 1930c)<sup>18</sup> e os resultados das eleições do clube futebolístico.

Aos poucos, os capitalistas de origem italiana foram se firmando na condição de protagonistas nos bastidores da agremiação. Enquanto Agnello auxiliava na aquisição de equipamentos esportivos, Antonio colaborava com o custeio das despesas dos jogadores nas partidas fora da cidade ou até mesmo concedendo empréstimos para quitar eventuais dívidas contraídas durante a disputa dos campeonatos.

Essa crescente dependência do Rio Claro F. C. em relação às fontes alternativas de investimentos leva-nos a questionar se tal situação também não teria sido condicionada por fatores econômicos mais amplos, como, por exemplo, a queda da rentabilidade do transporte ferroviário. Como aponta Saes (1981), as crises cíclicas do café - sobretudo a que se estendeu ao longo da década de 1930 -, a desvalorização da

---

<sup>18</sup> Embora tenha se filiado à APEA novamente, o Rio Claro F. C. não disputou o Campeonato do Interior de 1930, em razão de problemas burocráticos na inscrição de alguns jogadores.

moeda nacional, o surgimento dos encargos sociais impostos pela legislação trabalhista no mesmo período e a recorrência aos empréstimos externos para financiar novos investimentos abalaram a prosperidade das empresas ferroviárias. Nesse sentido, parece-nos plausível pensar que, talvez, essa redução da rentabilidade da Paulista tenha induzido os diretores do Rio Claro F. C. a buscarem outros meios para manter as atividades da agremiação.

Uma das propostas defendidas por Antonio Padula Netto era a abertura de outra sede do Rio Claro F. C., com o objetivo de ampliar a oferta de opções de sociabilidade e reforçar o caixa do clube. A ideia era alugar um prédio nas cercanias da ferrovia, montar um bar em seu interior e arrendá-lo para angariar recursos. Consultada sobre o plano, a diretoria do Grêmio não criou empecilhos. Os troféus pertencentes ao clube futebolístico continuariam guardados na sede principal, porém suas correspondências, outrora enviadas diretamente às oficinas da Companhia Paulista, passariam a ser entregues na nova sede. Um sinal de enfraquecimento da influência da empresa ferroviária.

Deliberou-se, ainda, oficiar ao agente do correio para enviar toda correspondência do clube para a subsede, ficando a mesma aos cuidados do senhor Alcides Rocha, que a entregará ao senhor secretário geral. Toda correspondência deverá, portanto, vir para a subsede, e não mais para as oficinas da Paulista (RIO CLARO FUTEBOL CLUBE, 1930d, p. 36).

Outros indícios nos levam a sugerir que, de fato, os investimentos da Paulista no esporte estavam em queda. Uma das possibilidades aventadas pela companhia para viabilizar a manutenção das atividades do Rio Claro F. C., era de que os próprios diretores da agremiação contribuíssem com o pagamento mensal de uma taxa no valor de duzentos mil réis, referente à conservação do campo do Grêmio. A ideia da cobrança, considerada abusiva pelos integrantes do Rio Claro F. C., não chegou a se concretizar. As negociações prosseguiram, até que os dirigentes gremistas intermediaram uma solução que atendia aos interesses da empresa ferroviária: abria-se mão do aluguel, mas exigia-se do Rio Claro F. C. a responsabilidade exclusiva e direta pela conservação do campo e da arquibancada. Ademais, o clube futebolístico seria o único responsável por possíveis infortúnios que pudessem ocorrer nos dias de jogos. Uma determinação que, talvez, estivesse também relacionada com o momento de instabilidade financeira vivenciado pelas ferrovias.

(...) fazendo constar na presente ata a informação da diretoria do Rio Claro F. C. de não poder pagar a taxa de 200 mil réis. A seguir, o senhor presidente consultou os demais diretores, solicitando que sugerissem uma forma para solucionar a questão com o Rio Claro F. C.; tendo sido deliberado considerar sem efeito a taxa estabelecida (...), devendo, porém, a diretoria do Rio Claro tomar para si, sob a fiscalização direta da diretoria do Grêmio, a conservação de todas as dependências da praça de esportes (RIO CLARO FUTEBOL CLUBE, 1930d, p. 13-14).

Na medida em que a postura paternalista da companhia ferroviária se esmaece, as divergências entre os membros do Rio Claro F. C. e diretores gremistas se

intensificam. A relação entre Rio Claro F. C. e Grêmio, ou ainda, Rio Claro F. C. e Companhia Paulista, parecia estar no limite. De um lado, a empresa reduzia seu aporte financeiro; de outro, tentava conservar o que lhe restava de autoridade, exigindo que o clube continuasse lhe dando satisfações. O conflito mais significativo diz respeito à polêmica concessão do campo de futebol feita pelo Rio Claro F. C. para uma equipe local formada por estudantes, o *Instituto Comercial F. C.*<sup>19</sup>, a qual, segundo os dirigentes gremistas, não contou com o seu prévio consentimento. Em reunião realizada nas dependências do Grêmio, no dia 14 de janeiro de 1931, a alta cúpula da companhia não só transparecia seu descontentamento com a suposta falta de comunicação do clube futebolístico, mas também alegava que a cessão do *ground* a terceiros feria o acordo estabelecido anteriormente, por entender que apenas o Rio Claro F. C. tinha autorização para usufruir da praça esportiva.

Em vista do que foi dado conhecer aos presentes e considerando impraticável o ato da diretoria do Rio Claro F. C. de conceder o campo ao Instituto Comercial F. C. sem prévio consentimento da diretoria do Grêmio, que nem sequer foi consultada a esse respeito; considerando que essa maneira de proceder importou numa partilha de responsabilidades que só ao Rio Claro F. C. cabe em toda a sua extensão, levando em conta as obrigações que lhe foram impostas pela diretoria do Grêmio (RIO CLARO FUTEBOL CLUBE, 1930d, p. 22-23).

O desgaste era patente. Liderados por Antonio Padula Netto, os integrantes do Rio Claro F. C. decidiram suspender as relações com a diretoria do Grêmio, em assembleia geral extraordinária realizada em 18 de janeiro de 1931, na nova sede social.

Em vista da insólita agressão por parte daquela diretoria, o senhor presidente consultou a assembleia, pondo em discussão se deveríamos nos desligar do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista. Por unanimidade, foi aprovado o desligamento do Rio Claro Futebol Clube do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista (RIO CLARO FUTEBOL CLUBE, 1931b, p. 108).

A cidade de Rio Claro, até então econômica e socialmente dependente da ferrovia, agora se pluraliza. A necessidade do Rio Claro F. C. de libertar-se da burocracia da empresa ferroviária é facilitada pelas condições históricas vividas pelo clube. Primeiro, a vontade de tornar-se independente e, segundo, a possibilidade de parceria com os novos agentes históricos, promovendo novos laços sociais e econômicos com a cidade e seus agentes mais proeminentes. A postura paternalista da empresa foi se diluindo. As tensões se intensificaram, os auxílios diminuíram e a relação entre Rio Claro F. C. e companhia ferroviária chegara ao fim no início da década de 30.

O importante para nós é perceber a riqueza de conteúdo que o futebol possui - em particular o futebol interiorano - e como ele esteve fortemente presente no cotidiano dos trabalhadores urbanos. Este texto é uma tentativa de contribuir com as publicações na área do esporte. Uma tentativa de abrir o campo de estudo sobre a cultura

---

<sup>19</sup> O Instituto Comercial de Rio Claro - também conhecido como Colégio Bilac - era um estabelecimento de ensino que ofertava cursos de contabilidade, secretariado e administração.

futebolística, de modo a não ficar restrito aos grandes centros; dar uma maior visibilidade à história do futebol no interior paulista, ir além dos dados estatísticos e elementos que compõem o senso comum.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco Bettine. **Os caminhos da bola pelas estradas de São Paulo**. São Paulo: EACH-USP, 2017.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **Futebol de fábrica em São Paulo**. 1992. 190f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1992.

ARNOSTI, José Carlos; PAULETTO, Nelcy; SILVA, Klebs de Moura. **Rio Claro FC: um século de paixão**. Rio Claro: Memorial do Rio Claro F. C., 2009.

BENÉVOLO, Ademar. **Introdução à história ferroviária do Brasil: estudo social, político e histórico**. Recife: Folha da Manhã, 1953.

CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro, 1894-1933**. São Paulo: IBRASA, 1990.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GRÊMIO RECREATIVO DOS EMPREGADOS DA COMPANHIA PAULISTA DE ESTRADAS DE FERRO. **Livro de Atas**. Rio Claro, 29 abr. 2014.

GUEDES, Simoni Lahud. **O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro**. Niterói: Eduff, 1998.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Impérios, 1875-1914**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

O ALPHA. Rio Claro, 13 jun. 1909.

\_\_\_\_\_. Rio Claro, 23 jan. 1910a.

\_\_\_\_\_. Rio Claro, 14 jun. 1910b.

\_\_\_\_\_. Rio Claro, 21 mai. 1911.

\_\_\_\_\_. Rio Claro, 04 mai. 1913.

\_\_\_\_\_. Rio Claro, 20 fev. 1914a.

\_\_\_\_\_. Rio Claro, 28 fev. 1914b.

\_\_\_\_\_. Rio Claro, 27 ago. 1916.

\_\_\_\_\_. Rio Claro, 15 fev. 1919.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Escolas de samba do Rio de Janeiro ou a domesticação da massa urbana. **Cadernos CERU**, São Paulo, v. 1, p. 7-35, 1986.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RIO CLARO FUTEBOL CLUBE. **Livro de Atas**. Rio Claro, 30 jul. 1916.

\_\_\_\_\_. Livro de Atas. Rio Claro, 13 jan. 1917a.

\_\_\_\_\_. Livro de Atas. Rio Claro, 18 jan. 1917b.

\_\_\_\_\_. Livro de Atas. Rio Claro, 21 mai. 1918.

\_\_\_\_\_. Livro de Atas. Rio Claro, 08 jul. 1919.

\_\_\_\_\_. Livro de Atas. Rio Claro, 09 fev. 1920a.

\_\_\_\_\_. Livro de Atas. Rio Claro, 20 fev. 1920b.

\_\_\_\_\_. Livro de Atas. Rio Claro, 03 jun. 1930a.

\_\_\_\_\_. Livro de Atas. Rio Claro, 17 jun. 1930b.

\_\_\_\_\_. Livro de Atas. Rio Claro, 03 set. 1930c.

\_\_\_\_\_. Livro de Atas. Rio Claro, 29 out. 1930d.

\_\_\_\_\_. Livro de Atas. Rio Claro, 14 jan. 1931a.

\_\_\_\_\_. Livro de Atas. Rio Claro, 18 jan. 1931b.

SAES, Flavio Azevedo Marques de. **As ferrovias de São Paulo, 1870-1940: expansão e declínio do transporte ferroviário em São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1981.

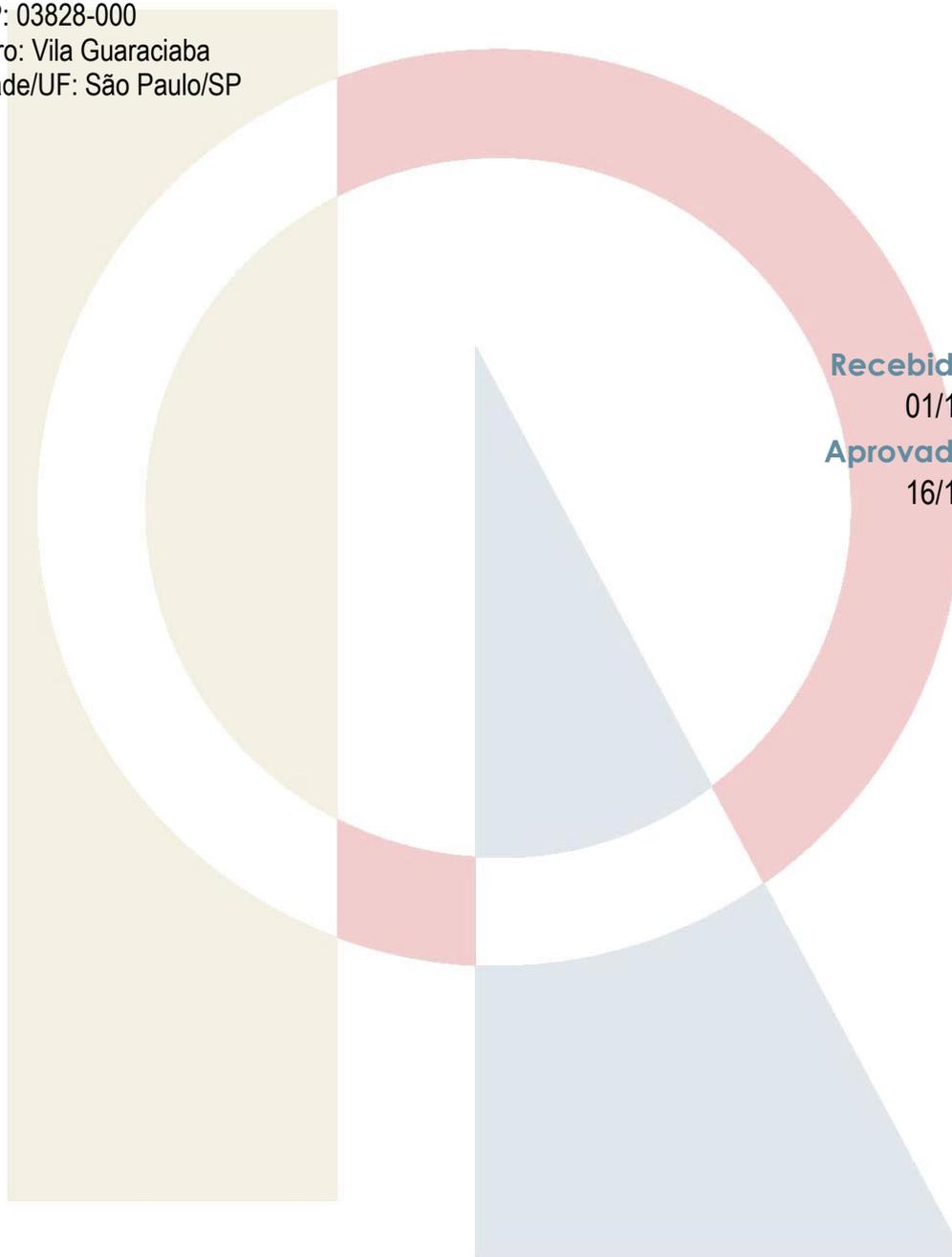
SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. **Ferrovia e ferroviários: uma contribuição para a análise do poder disciplinar na empresa**. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1982.

TRUZZI, Oswaldo. **Italianidade no interior paulista: percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950)**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

## Endereço para correspondência

### **EACH-USP**

Marco Bettine  
Rua: Arlindo Bettio, 1000  
CEP: 03828-000  
Bairro: Vila Guaraciaba  
Cidade/UF: São Paulo/SP



**Recebido em:**  
01/11/2018  
**Aprovado em:**  
16/11/2018